






HISTÓRIAS (IN)VISÍVEIS NOS PALCOS E TATAMES: ESTIGMAS E DESAFIOS DA SEXUALIDADE EM CORPOS QUE LUTAM E DANÇAM

(IN)VISIBLE STORIES ON STAGES AND MAT: SEXUALITY-RELATED STIGMAS AND CHALLENGES IN BODIES THAT FIGHT AND DANCE

HISTÓRIAS (IN)VISIBLES EN LOS ESCENARIOS Y TATAMIS: ESTIGMAS Y DESAFIOS DE LA SEXUALIDAD EN CUERPOS QUE LUCHAN E BAILAN

Jonas da Silva Bezerra¹  Francisco Taiuan Alves de Oliveira¹  Victor Silveira Coswig²  Marcos Antônio Almeida Campos³  Luciana Catunda Brito⁴ 

Resumo: A pesquisa teve como objetivo compreender como praticantes de dança e lutas percebem e vivenciam desafios relacionados à sexualidade em seus ambientes de prática. Utilizando abordagem quantitativa e qualitativa, 41 praticantes responderam a um questionário *on-line* (Google Forms) com questões objetivas e discursivas sobre diversidade sexual observados e vivenciados nos seus ambientes de prática. Entre os respondentes, 60,5% eram de lutas e 39,5% de dança. As orientações sexuais predominantes foram Heterossexualidade (53,5%), Bissexualidade (27,9%) e Homossexualidade (14%). Cerca de 14% relataram ter vivenciado preconceito, incluindo agressões verbais e violência psicológica, enquanto 34,9% presenciaram casos de discriminação. Quanto à percepção dos ambientes, 53,5% consideram-nos inclusivos, 30,2% neutros e 16,3% excludentes. Em relação ao conforto para revelar sua orientação sexual, 20,9% sentem-se, “às vezes”, confortáveis, apontando o medo como obstáculo. Na dança, os principais desafios são preconceito, violência psicológica e agressões verbais. Nas lutas, destacam-se conservadorismo, preconceito, estigma baseado na sexualidade, violência psicológica e agressões verbais. Conclui-se que, apesar de avanços, ainda há preconceito e discriminação nos ambientes de dança e lutas em relação à sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade; Artes marciais; Dança; Diversidade; Práticas corporais.

Abstract: The study aimed to understand how practitioners of dance and combat sports perceive and experience challenges related to sexuality in their practice environments. Using a quantitative and qualitative approach, 41 practitioners responded to an online questionnaire (Google Forms) with both objective and open-ended questions about sexual diversity observed and experienced in their practice settings. Among the respondents, 60.5% were combat sports practitioners and 39.5% dancers. Predominant sexual orientations were Heterosexuality (53.5%), Bisexuality (27.9%), and Homosexuality (14%). Approximately 14% reported having experienced prejudice, including verbal aggression and psychological violence, while 34.9% witnessed cases of discrimination. Regarding the perception of their environments, 53.5% consider them inclusive, 30.2% neutral, and 16.3% exclusive. In terms of comfort in disclosing their sexual orientation, 20.9% feel “sometimes” comfortable, citing fear as a barrier. In dance, the main challenges are prejudice, psychological violence, and verbal aggression. In combat sports, key challenges include conservatism, prejudice, sexuality-based stigma, psychological violence, and verbal aggression. It was concluded that, despite progress, prejudice and discrimination regarding sexuality still persist in dance and combat sports environments.

Keywords: Sexuality; Martial arts; Dance; Diversity; Body practices.



¹Graduado em Licenciatura em Educação Física Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Fortaleza – CE. jonasbezer-raedf@gmail.com; ftaiuanalvesoliveira@alu.ufc.br

²Mestrado (ESEF/UFPEL- 2014) e doutorado (ESEF/UFPEL- 2017) em Educação Física na linha de Desempenho e Metabolismo Humano. . Professor Adjunto do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará (IEFES-UFCE). vcoswig@ufc.br

³Mestrado em História da Educação pela Faculdade de Educação da UFMG (2007). Doutorado em Educação na Faculdade de Educação da UFC (2018). Professor associado da Universidade Federal do Ceará, no curso de Educação Física. marcosalmeidacampos@gmail.com

⁴Mestrado em Ciências (Fisiologia Humana) pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Ciências (Fisiologia Humana) pela Universidade de São Paulo (2005). Professora adjunto da Universidade Federal do Ceará. lucacatunda@ufc.br

Resumen: La investigación tuvo como objetivo comprender cómo los practicantes de danza y luchas perciben y viven los desafíos relacionados con la sexualidad en sus entornos de práctica. Utilizando un enfoque cuantitativo y cualitativo, 41 practicantes respondieron un cuestionario en línea (Google Forms) con preguntas objetivas y abiertas sobre la diversidad sexual observada y vivida en sus entornos de práctica. Entre los encuestados, el 60,5% eran practicantes de luchas y el 39,5% de danza. Las orientaciones sexuales predominantes fueron Heterosexualidad (53,5%), Bisexualidad (27,9%) y Homosexualidad (14%). Alrededor del 14% informó haber vivido prejuicio, incluyendo agresiones verbales y violencia psicológica, mientras que el 34,9% presenció casos de discriminación. En cuanto a la percepción de los entornos, el 53,5% los considera inclusivos, el 30,2% neutrales y el 16,3% excluyentes. Respecto a la comodidad para revelar su orientación sexual, el 20,9% se siente “a veces” cómodo, citando el miedo como obstáculo. En danza, los principales desafíos son el prejuicio, la violencia psicológica y las agresiones verbales. En luchas, destacan el conservadurismo, el prejuicio, el estigma basado en la sexualidad, la violencia psicológica y las agresiones verbales. Se concluye que, a pesar de los avances, todavía persisten el prejuicio y la discriminación en los entornos de danza y luchas en relación con la sexualidad.

Palabras clave: Sexualidad; Artes marciales; Danza; Diversidad; Prácticas corporales.

Introdução

As questões de gênero e sexualidade sempre tiveram um papel significativo no universo esportivo e cada vez mais as práticas esportivas têm se tornado cenário para expressividade de masculinidades e feminilidades não tradicionais e diversificadas, que desfazem as estruturas e modelos tradicionais homogêneos dessas categorias (Chaves, 2015). Entretanto, a estigmatização da homossexualidade é frequentemente enfatizada como um possível problema para qualquer atleta (Channon; Matthews, 2015), tendo em vista que o esporte é amplamente reconhecido como uma instituição que privilegia a heterossexualidade em desfavor da homossexualidade (Anderson, 2011). Carvalho e colaboradores (2017) mostraram que os critérios táticos e técnicos provavelmente não são julgados como primeiro fator de escolha de atletas, quando eles expressam identidades e papéis diferentes dos padrões heteronormativos, e aqueles que exteriorizam suas orientações sexuais têm que “controlá-las” constantemente, para que não prejudiquem suas carreiras esportivas.

Assim como é fundamental analisar de que maneira o esporte e a educação física têm historicamente contribuído para a construção das masculinidades, também é imprescindível refletir sobre como o ambiente esportivo se consolidou como um espaço predominantemente homofóbico (Silveira; Quitau, 2019), visto que a baixa participação da população de Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não Binários e mais (LGBTQIAPN+) sugere a existência de obstáculos específicos que limitam a sua adesão (Denison *et al.*, 2021). Segundo Borrillo (2015), a homofobia pode ser conceituada como uma hostilidade ampla, de ordem psicológica e social, dirigida àqueles que, presumidamente, sentem atração ou mantêm práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo. Na pesquisa realizada por Hartmann-Tews, Menzel e Braumüller (2022), 12,9% dos atletas entrevistados relataram que vivenciaram experiências negativas relacionadas à sua orientação sexual e/ou identidade de gênero no esporte, incluindo insultos, discriminação estrutural, que se refere ao tratamento desigual e injusto, exclusão, ameaças verbais, intimidação e assédio *on-line* (*cyberbullying*). Para Louro (2000), os indivíduos que se reconhecem com interesses ou desejos diferentes da norma heterossexual têm poucas opções: o silêncio, a dissimulação ou a segregação, visto que a construção da heterossexualidade ocorre junto à rejeição da homossexualidade.

A discriminação no esporte reflete um cenário mais amplo de exclusão social enfrentado pela população LGBTQIAPN+. A Pesquisa Anual dos Estados Unidos do The Trevor Project 2024, sobre saúde mental de jovens LGBTQIAPN+, questionou 18.000 pessoas entre 13 e 24 anos e revelou que, no ano anterior, 39% dos respondentes consideraram tentar suicídio e 15% se sentiram discriminados, sendo que a vivência em comunidades não receptivas impactou na tentativa de suicídio. A pesquisa revela também que 66% dos jovens LGBTQIAPN+ experimentam ansiedade e 53% vivenciam depressão. Já no cenário brasileiro, o Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ de 2024 revelou que em 2023 ocorreram 230 mortes violentas a pessoas LGBTQIAPN+, dessas, 18 foram suicídios influenciados por LGBTfobia. Os indivíduos homossexuais e todos

que escapam à heteronorma enfrentam de forma isolada a exclusão social ligada à sua orientação sexual, frequentemente sem apoio de seu entorno e, em muitos casos, inserida em um ambiente familiar igualmente hostil (Borrillo, 2015).

Esse impacto não se limita à saúde mental, mas também permeia a maneira como as construções sociais associadas ao gênero influenciam a prática de atividades físicas e esportivas. Embora estejamos em pleno século XXI, a construção social que relaciona a masculinidade a práticas como as lutas e a feminilidade a práticas como a dança ainda é presente (Gonçalves, 2014). Isso ocorre porque o conceito do “ser masculino” foi construído com base em pressupostos culturais que valorizam as capacidades físicas e a rigidez moral como características fundamentais para a afirmação da masculinidade (Lima; Brito; Neto, 2024). Assim, modalidades que são tipificadas como masculinas ou femininas, quando praticadas por sujeitos do gênero oposto, provocam incômodo e reforçam estereótipos. Por exemplo, uma certa modalidade socialmente entendida como masculina, que exige força, agressividade e racionalidade, quando praticada por mulheres que possuam esses traços, faz com que elas sejam julgadas como “mulheres-macho”, devido ao preconceito e à intolerância da sociedade (Melo *et al.*, 2015; Assis; Saraiva, 2013).

Em diversos contextos sociais, há padrões comportamentais e corporais estabelecidos por relações coercitivas de poder que determinam o que é considerado adequado ou inadequado segundo determinado gênero. No âmbito das lutas, artes marciais e esportes de combate, esses padrões foram mantidos e solidificados na cultura dessas práticas, sendo estereotipados como alguns dos esportes mais tradicionalmente masculinos (Lima; Brito; Neto, 2024; Rodríguez-Sanchez *et al.*, 2023). Segundo Dowling (2000), na origem da prática das lutas, o feminino não era aceito, visto que as mulheres deveriam manter seus corpos delicados, apoiando-se no mito da fragilidade e delicadeza. Mariante e Wenzel (2022) afirmam que um esporte culturalmente compreendido como masculino pode afetar a vida de uma mulher, como, por exemplo, pondo sob suspeitas sua sexualidade. Isso apoia como a construção social das lutas pode ter levado o receio ao feminino em suas práticas. Já a dança, outro elemento constituinte da cultura corporal, é considerada por alguns como uma manifestação de caráter estritamente feminino. Por um discurso elaborado socialmente ao longo da história e que permanece até os dias atuais, o menino que sente interesse por essa prática provavelmente será alvo de algum comportamento discriminatório, seja ele direto, como as agressões verbais e físicas, ou velado como piadas, risadas e olhares de vigilância (Cunha Júnior; Melo, 1996; Lima; Pessoa; Pereira, 2022), tendo em vista que a homofobia manifesta hostilidade não apenas contra pessoas homossexuais, mas também contra todos os indivíduos que são percebidos como fora da conformidade com a norma sexual (Borrillo, 2015).

De acordo com a pesquisa realizada em 2022 pela NIX Diversidade e Economia Social, dos 1.037 indivíduos LGBTQIAPN+ respondentes, 658 já foram discriminados por praticarem determinados esportes ou presenciaram casos de discriminação pelo mesmo motivo. Adicionalmente, 708 afirmaram que já sofreram ou testemunharam casos de discriminação em ambientes esportivos. Sem poder excluir abertamente atletas *gays* do esporte, os praticantes heterossexuais passaram a resistir à presença desses atletas por meio da construção de uma cultura de silêncio em relação às identidades *gays* (Anderson, 2011). Todas as informações apresentadas anteriormente mostram que vivemos em uma sociedade repleta de intolerância, preconceito, discriminação e violências contra identidades e categorias consideradas como diferentes da heteronormatividade. Isso se reflete também no esporte, sendo que nele o debate sobre o lugar e o não lugar do que é classificado como fora do padrão binário é assunto silenciado e pouco investigado (Peres; Prado, 2023).

Portanto, tendo em vista que são escassos os estudos os quais investigam de forma comparativa as percepções relacionadas à sexualidade em contextos tão contrastantes e estigmatizados quanto as lutas e a dança, esta pesquisa objetiva compreender como os praticantes de ambas as práticas corporais percebem e vivenciam os desafios relacionados à sexualidade em seus ambientes de prática.

Método

Esta pesquisa trata-se de um estudo transversal, de caráter descritivo e analítico e de natureza quantitativa e qualitativa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do

Ceará (CAAE: 83517624.8.0000.5054).

A amostra deste estudo foi composta por 41 participantes, sendo praticantes de lutas ou dança da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Para inclusão no estudo, foram estabelecidos os seguintes critérios: ser praticante de qualquer modalidade de lutas ou estilo de dança, por, no mínimo, um ano, e ser maior de 18 anos. Os critérios de exclusão foram: ser menor de 18 anos e não ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Procedimentos

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário *on-line* elaborado na plataforma *Google Forms*. A decisão de usar o questionário como instrumento foi baseada na sua capacidade de demonstrar ser eficaz no recrutamento de participantes de pesquisa e na capacidade de levantar ideias iniciais para o assunto em questão (Sousa; Santos, 2020). A escolha pela plataforma *Google Forms* se deu devido à possibilidade de um maior alcance de praticantes de diferentes academias de lutas e dança. O questionário foi disponibilizado no período de dezembro de 2023 a abril de 2024.

O questionário foi desenvolvido pelos autores da pesquisa, seguindo as orientações do manual de Maia (2020) e avaliou a percepção a respeito dos desafios da diversidade sexual observados e vivenciados nos seus ambientes de prática. O questionário continha perguntas acerca dos dados gerais dos participantes: prática corporal que realiza, idade, tempo de prática, identidade de gênero e orientação sexual, além de seis questões objetivas e discursivas sobre a percepção dos desafios e vivências da diversidade sexual no seu ambiente de prática.

Análise dos dados

Para a análise das questões discursivas foi realizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), que envolve três etapas.

- 1) Pré-análise - fase inicial da organização e visa a sistematizar e tornar as ideias iniciais operacionais, formulada em quatro estágios:
 - a) Leitura flutuante - conectar-se aos documentos para analisar e aprender sobre o texto.
 - b) Escolha dos documentos - a abrangência dos documentos de análise é previamente definida.
 - c) Elaboração de objetivos e hipóteses.
 - d) Referenciação de índices e a criação de indicadores - se os textos forem considerados uma manifestação, contendo indicadores que serão discutidos na análise, o trabalho preparatório consistirá na seleção desses indicadores.
- 2) Exploração do material – consiste, principalmente, em procedimentos de codificação, desconto ou enumeração, usando regras previamente estabelecidas.
- 3) Tratamento dos resultados obtidos, inferências e interpretação - os resultados brutos são tratados de forma a serem significativos e válidos (Bardin, 2016).

A plataforma *Vennage* (<https://pt.venngage.com/>) foi utilizada para elaborar a nuvem de palavras a partir dos códigos que foram encontrados, de forma que os códigos que estão em maior número apareçam em tamanho maior na nuvem.

Para as questões objetivas, os dados foram transferidos para uma planilha eletrônica do Excel e foram realizados cálculos de frequências relativas e absolutas. Dados como idade e tempo de prática foram analisados por meio do cálculo de média aritmética e desvio padrão.

Resultados

Os dados gerais dos participantes indicaram que dos 41 respondentes, 60,5% são praticantes de lutas e 39,5% de dança. A média do tempo de prática apurada foi de $81 \pm 67,3$ meses para os indivíduos praticantes

de lutas e de $92,5 \pm 68,5$ meses para as pessoas praticantes de modalidades de dança. No que se refere à idade dos praticantes, os de lutas apresentaram média de $21,6 \pm 3,2$ anos e os de dança de $27,3 \pm 8,8$ anos. Quanto à identidade de gênero dos respondentes, 55,8% se identificavam como Homens Cisgênero, 41,9% como Mulheres Cisgêneros e 2,3% como Não Binários. Quanto às orientações sexuais, 53,5% se consideram Heterossexuais, 27,9% Bissexuais, 14% Homossexuais, 2,3% Demissexuais e 2,3% não sabem.

Na Tabela 1 são apresentados os resultados obtidos a partir das perguntas objetivas incluídas no formulário aplicado na pesquisa.

Tabela 1 - Resultados das questões objetivas incluídas no questionário de pesquisa

Questões objetivas do formulário		
Pergunta	Alternativas	%
Você já experienciou algum tipo de discriminação ou preconceito relacionado à sua orientação sexual no ambiente da(s) lutas/dança?	Sim	14%
	Não	74,4%
	Não tenho certeza	11,6%
Você já presenciou alguma forma de discriminação por sexualidade (orientação sexual) no contexto da(s) lutas/dança?	Sim	34,9%
	Não	58,1%
	Não tenho certeza	7%
Na sua opinião, quão inclusivos são os ambientes da(s) lutas/dança em relação à diversidade de orientações sexuais?	Inclusivos	53,5%
	Neutros	30,2%
	Excludentes	16,3%
Você se sente confortável em revelar sua orientação sexual em contextos esportivos como da(s) lutas/dança?	Sim	76,7%
	Não	2,3%
	Às vezes	20,9%

Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa (2026).

A Tabela 2 apresenta os resultados referentes à categorização e ocorrência dos relatos fornecidos pelos participantes. Esses dados foram organizados de forma a destacar as principais categorias emergentes e os códigos significativos atribuídos.

Tabela 2 - Codificação e categorização dos relatos dos participantes

Relatos dos praticantes		
Categorias	Códigos	Nº de menções
Preconceito vivenciado	Agressões verbais	2
	Violência Psicológica	1
Preconceito presenciado	Agressões verbais	4
	Violência Psicológica	4
	Estigmas sobre os praticantes	4
Sentimento ao revelar sua orientação sexual	Medo	6

Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa (2026).

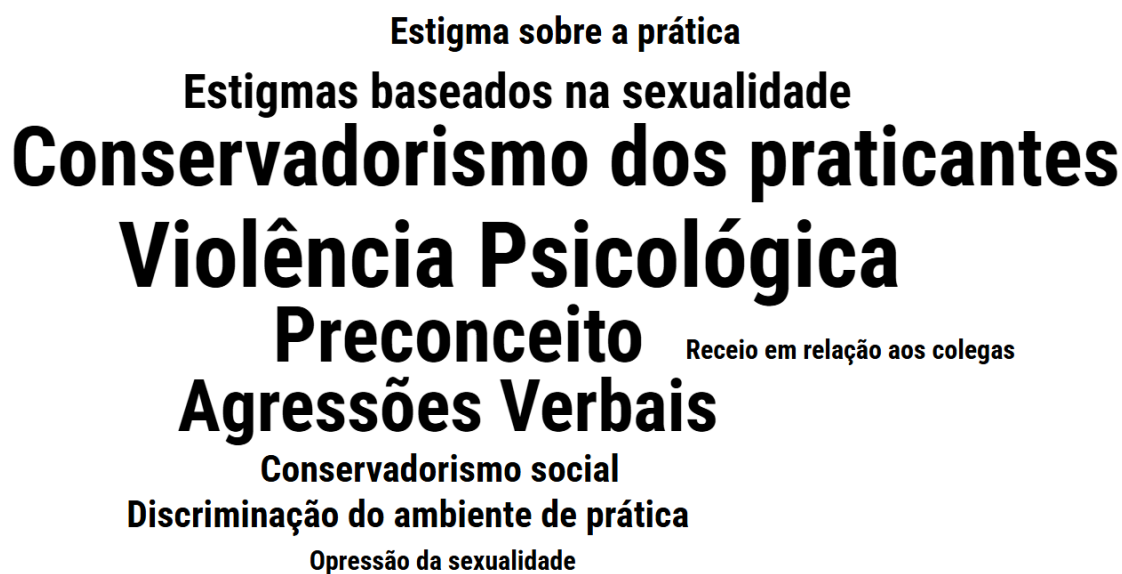
A Tabela 3 apresenta os resultados referentes à codificação dos relatos dos participantes sobre os principais problemas enfrentados por pessoas com diferentes orientações sexuais em seus ambientes de prática corporal/esportiva. A Figura 1 apresenta uma nuvem de palavras com os principais desafios relatados em ambas as práticas corporais.

Tabela 3 - Desafios relatados por praticantes no ambiente de lutas e dança

Principais problemáticas enfrentadas segundo o relato dos praticantes		
Categorias	Códigos	Nº de menções
Dança	Agressões verbais	3
	Violência Psicológica	3
	Preconceito	4
	Conservadorismo social	1
	Discriminação do ambiente de prática	1
	Estigma sobre a prática	1
Lutas	Conservadorismo dos praticantes	8
	Violência Psicológica	6
	Agressões verbais	3
	Estigma baseados na sexualidade	3
	Preconceito	3
	Receio em relação aos colegas	1
Lutas	Opressão da sexualidade	1
	Discriminação do ambiente de prática	1
	Conservadorismo Social	1
	Estigma sobre a prática	1

Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa (2026).

Figura 1 - Nuvem de palavras criada a partir das respostas dos participantes



Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa (2026).

Discussão

A presente pesquisa buscou entender como os praticantes de dança e lutas percebem e vivenciam os desafios relacionados à sexualidade em seus ambientes de prática. Como apontado anteriormente, a pesquisa contou com um total de 41 respondentes, sendo a maior quantidade de praticantes de lutas. A maioria dos praticantes de dança se identificava como mulheres, enquanto nas lutas houve uma distribuição equitativa entre homens e mulheres. Segundo Andreoli (2019), a ausência de homens na dança é constantemente procedente de vezes as quais dizem que os homens devem realizar atividades mais "masculinas" e as mulheres mais "femininas", ou seja, falas culturais que ainda ecoam e reproduzem a ideia da existência de práticas adequadas para cada sexo.

Preconceito vivenciado

A vivência de episódios de preconceito foi relatada por uma parte significativa dos participantes, com menções sobre agressões verbais e violência psicológica. Além disso, também houve respondentes que não tinham certeza se vivenciaram tais situações, sugerindo uma dificuldade na identificação de comportamentos discriminatórios. Os praticantes relataram:

“Eu fui ajudar uma colega de treino a se alongar e um homem, mais graduado, fez uma piada sugestiva que nos deixou extremamente desconfortáveis” (Praticante 3).

“Eu luto jiu-jitsu há 9 anos e ainda a coisa mais normal a ser ouvida é ‘paga pra ficar se agarrando com macho’. Hoje em dia, graças às aulas e treinos, minha autoestima aumentou e não me importo com tais comentários, mas imagina no começo, para uma criança ouvir isso?” (Praticante 30).

As masculinidades são construções culturais; é por meio da cultura que os indivíduos são constituídos como sujeitos de gênero, e é a partir da noção de gênero que podemos refletir sobre as diversas formas de construção das masculinidades (Bandeira; Seffner, 2013). Para a sociedade, o “homem de verdade” deve praticar atividades vistas como “masculinas”, esportes viris, tal como o futebol. Seguindo os padrões de gênero que ditam quais práticas são adequadas, o vôlei, por exemplo, é descrito como uma prática feminina e o homem que venha a praticar tal atividade teria sua sexualidade posta sob suspeita (Anjos, 2015). Esse estigma é propagado para diversos outros esportes e práticas corporais. Do estigma, nasce o preconceito e dele a ocorrência de casos de violência como o noticiado pelo portal *A Tribuna* (2024), quando relata que o dançarino Flávio Arcangeletti foi vítima de homofobia e agressão por cerca de seis homens enquanto trabalhava em um bar em São Vicente, na cidade de São Paulo. No local, os agressores teriam dito que ali não era lugar para “viadinho estar rebolando”, em seguida, começaram a desferir socos, chutes, cotoveladas e garrafadas contra ele. Ocorrências como essa acontecem porque os homens valorizam representações mais rígidas e extremas da masculinidade, adotando posturas fortemente homofóbicas como forma de (re)afirmar sua heterossexualidade (Anderson, 2011).

Relatos como o descrito acima apontam o constante reforço do *habitus viril* para as práticas dos homens e o *habitus feminino* para as práticas das mulheres (Bourdieu, 2003). Os esportes e os tipos de fisicalidade que geralmente lhes são associados influenciam diretamente a construção de crenças sobre sexualidade em sociedades com estruturas homohistóricas (Rodríguez-Sánchez *et al.*, 2023). Todo sujeito que foge desse padrão torna-se alvo de estigmas (Goffman, 1963) e injúrias (Eribon, 2008), resultando em preconceitos e na exclusão das múltiplas expressões de gênero manifestadas socialmente (Lima; Brito; Neto, 2024). O resultado disso é todo tipo de controle resultante da homofobia, que é historicamente pautada na visão dos comportamentos sexuais desviantes como crime, pecado e doença (Borrillo, 2015), levando indivíduos ao abandono de práticas que os coloquem em evidência, resultando em efeitos de preconceito e discriminação.

Preconceito presenciado

Os casos em situações de preconceito presenciados foram relatados por um pouco mais de um terço dos entrevistados, com relatos de Agressões Verbais, Violência Psicológica e Estigmas sobre os praticantes e uma parcela menor indicou que não tem certeza se presenciou ou não. As falas de alguns praticantes apontam alguns professores como agentes do preconceito:

“Um aluno que é homossexual foi colocado para treinar (no caso luta) com as meninas, pois o professor considerou que ele não tinha a capacidade de treinar com os meninos, só pelo fato de ser homossexual” (Praticante 4).

“A professora homofóbica tratava alunos homens de forma muito mais ríspida e dizia que não queria homens dançando de forma afeminada. Eram bailarinos, mas tinham que dançar como homens” (Praticante 9).

As narrativas mostram que alguns profissionais de Educação Física, sejam eles técnicos ou professores, contribuem, muitas vezes, para essa construção do preconceito e da discriminação, aumentando, com seus discursos, os estereótipos existentes (Silva; Caminha; Fernandes, 2021), reforçando um processo inconsciente de coerção, no sentido de reproduzir comportamentos sociais esperados (Silva, 2020). Além do mais, isso também se torna um fator desmotivador para que o indivíduo continue a prática, pois o professor, que

deveria ser o responsável pela inclusão e pelo engajamento do aluno nas aulas, acaba sendo o principal disseminador do preconceito. Em relação aos comportamentos homofóbicos dos colegas, os praticantes declararam:

“Já presenciei comentários sobre colegas de treino usando termos LGBTfóbicos em tom de piada e pessoas falando que homossexuais não podem praticar lutas” (Praticante 1).

“Situação de homem heterossexual que não queria treinar a parte de agarre do Muay Thai, chamada clinch, com homens homossexuais” (Praticante 13).

Falas como a do praticante 13 evidenciam como o contato físico intenso entre corpos masculinos no tatame, que se tocam, apalpam, agarram e imobilizam mutuamente, pode gerar desconforto e medo de aproximação, especialmente quando se internalizam normas rígidas de masculinidade, ou seja, o que o praticante descreve ilustra o “fantasma” da homossexualidade: uma apreensão que não precisa se concretizar para causar impacto (Teixeira, 2012). De fato, o ambiente esportivo, especialmente no campo das lutas, tem sido historicamente marcado pela valorização da masculinidade hegemônica, construída a partir da identidade do homem forte, agressivo e viril, enquanto todas as expressões que fogem a esses pressupostos são consideradas inferiores e inadequadas (Carvalho *et al.*, 2017; Lima; Brito; Neto, 2024).

De acordo com o estudo de Natarelli e colaboradores (2015), a homofobia tem um impacto na saúde do adolescente, sobretudo no que se refere à sua saúde mental, pois ela favorece o surgimento de comportamentos depressivos, ansiedades e medos excessivos, ideações e tentativas de suicídio, quadros que indicam sofrimentos psíquicos, os quais se originam nos episódios de violência vividos. Isso revela um dos efeitos perversos da homofobia, que é o processo de internalização da violência. De acordo com Louro (2000), para os indivíduos que se identificam com esse lugar, "assumir" a identidade homossexual ou bissexual é um ato político e, nas circunstâncias atuais, isso pode acarretar um alto custo devido à estigmatização.

Nível de conforto para revelar a sua orientação sexual

No que diz respeito ao nível de conforto dos participantes em revelarem sua orientação sexual, diferente da heterossexual, em seus contextos de prática, observa-se que uma parte expressiva indicou sentir-se "às vezes" confortável, sendo o "medo" considerado como o principal obstáculo. Os praticantes relataram:

“A maneira como as pessoas se comportam pode mudar de maneira negativa quando falo sobre minha sexualidade” (Praticante 1).

“Dependendo do tipo de pessoa que eu observar no local, pois eu não teria confiança em simplesmente falar sobre algo íntimo assim, pois seres humanos fazem coisas completamente inesperadas, e podem se tornar agressivos com muito pouco, e a questão da sexualidade ainda é um tabu, então não vejo necessidade de deixar claro que não tenho exatamente uma sexualidade, pois não vejo necessidade de tal, nem todos entenderiam” (Praticante 9).

Segundo a pesquisa realizada por Denison; Bevan, Jeanes (2021), 46,6% dos atletas de esportes coletivos entrevistados, que expuseram a sua orientação sexual para alguns dos seus colegas de equipe, relataram ter sido vítimas de comportamentos homofóbicos, enquanto 40,4% dos participantes, que não revelaram a sua orientação para ninguém, relataram também serem alvos desse comportamento. É importante reconhecer que a homofobia se manifesta de várias maneiras, como brincadeiras, piadas, comentários, entre outros, e essa atitude pode transmitir a sensação contínua de inferioridade de homossexuais em relação a heterossexuais. Gays e lésbicas geralmente sentem uma sensação de desconforto quando estão junto com homens heterossexuais, que são os seus principais e prováveis agressores, isso, conseqüentemente, pode ocasionar um afastamento de jovens homossexuais das atividades esportivas (Silva; Caminha; Fernandes, 2021; Goellner, 2010). Como afirma Foucault (1988), há de se haver controle social sobre os comportamentos e práticas do sujeito, no sentido de garantir que todas as normas serão seguidas por todos e todas.

Principais desafios na dança e nas lutas

Na perspectiva dos sujeitos entrevistados, as principais dificuldades enfrentadas por indivíduos com diferentes orientações sexuais no ambiente da dança compreendem o "Preconceito", seguido pela "Violência

Psicológica" e as "Agressões Verbais". Um dos praticantes relata:

"A dança, por muitos anos, foi enxergada como algo 'feminino', ou feito para as mulheres praticarem. Para os homens, os incentivos são limitados, ao meu ver, principalmente pela sociedade por fora do universo da dança, atingindo os sentimentos deles, principalmente por meio de agressões verbais. Ademais, na minha perspectiva, o assunto se torna mais delicado quando falamos de crianças, meninos, que ainda estão se descobrindo como ser humano e entendendo seu papel na sociedade, as palavras de que tentam diminuir ou fazer chacota podem afastar grandes potenciais da dança" (Praticante 31).

Ações que podem parecer fúteis, como ensinar aos alunos que existem passos de dança mais "masculinos" ou mais "femininos", ajudam na sustentação de limitações de gênero, que restringem a participação de meninos e meninas em atividades que desejariam experimentar (Andreoli, 2019; Goellner, 2010). No âmbito das lutas, de acordo com os resultados do estudo de Rodríguez-Sanchez e colaboradores (2023), praticantes de artes marciais e esportes de combate apresentam níveis significativamente maiores de respeito à diversidade sexual, em comparação com indivíduos envolvidos em outras modalidades esportivas, ainda assim questões como o "Conservadorismo dos praticantes", a "Violência Psicológica", o "Preconceito", o "Estigma baseado na sexualidade" e as "Agressões Verbais" foram relatadas como dificuldades enfrentadas nesse contexto. Os praticantes declararam:

"A dificuldade é as pessoas entenderem que a orientação sexual de uma pessoa não irá interferir em seu desempenho no treino e na orientação sexual do outro" (Praticante 15).

"O preconceito vindo, principalmente, de homens heterossexuais com homens homossexuais, não querer treinar junto por achar que vão ser motivo de piadinhas pelos amigos ou por fazer piadas e menosprezar homens homossexuais, com o argumento de que não vão aguentar porada" (Praticante 36).

As diversas formas de masculinidade existentes no campo das lutas são hierarquizadas e subordinadas ao padrão hegemônico masculino, fundamentado na heteronormatividade (Lima; Brito; Neto, 2024). Os indivíduos que não confirmam em seus comportamentos e atitudes, códigos da masculinidade tradicional, tendo alguns elementos ou signos do ambiente feminino, sejam de ordem física ou simbólica, são alvos de inferiorização e desvalorização quanto ao seu rendimento e competência nos esportes (Chaves; Araújo, 2015). Segundo Costa *et al.*, (2013), mesmo que orientação sexual e expressão de gênero tenham distinções claras, no viés de manifestação de preconceito, uma se relaciona a outra, ou seja, não se pode falar de violência contra a orientação sexual não heterossexual sem relacionar ao preconceito contra expressões de gênero que fogem da heteronormatividade. Assim, aquilo que foge da masculinidade viril e hétero para homens ou da feminilidade delicada para mulheres, seja nas vestimentas, maneiras de andar e falar, *hobbies* etc., são fatores suficientes para estigmatizar alguém como homossexual (Bourdieu, 2003).

Tanto o estigma quanto o preconceito são inicialmente definidos como atitudes negativas que algumas pessoas adotam em relação a valores específicos de outras. A discriminação, por sua vez, é vista como uma resposta comportamental resultante dessas atitudes negativas ou, como frequentemente descrito na literatura, uma manifestação concreta de estigma ou preconceito. Em termos mais populares, pode-se entender o estigma e o preconceito como a teoria, enquanto a discriminação é vista como a prática (Monteiro; Villela, 2013).

A relação causal entre sexo e identidade de gênero, que desemboca nas questões de sexualidade, cria expectativas que precisam ser atendidas para que o sujeito não sofra represálias de toda ordem (Devide, 2024). Um dos relatos dos praticantes consegue sintetizar a questão principal desta pesquisa:

"O estigma relacionado às frases 'luta é coisa de homem' e 'dança é coisa de mulher'. São pensamentos que pouco representam a profundidade de ambas as práticas e acabam estereotipando seus praticantes" (Praticante 39).

De acordo com Monteiro; Villela (2013), tanto o preconceito quanto o estigma estão relacionados à categorização, rotulagem, estereotipagem e rejeição social. Assim como o estigma e o preconceito podem levar à discriminação, seus processos são bastante semelhantes. É fundamental reconhecermos que práticas que rotulam, aprisionam, limitam e estigmatizam os indivíduos apenas reforçam discriminações e exclusões. Ao invés disso, devemos buscar ampliar as possibilidades de inclusão permitindo que, por meio de práticas corporais e esportivas, os indivíduos possam exercer sua cidadania e liberdade, constituindo-se como sujeitos sociais (Goellner, 2010).

Essa pesquisa aponta que, tanto nas lutas quanto na dança, a questão da sexualidade pode ser um motivo de discriminação e preconceito. Isso ressalta a importância de criar espaços mais acolhedores e respeitosos à diversidade sexual. Os dados mostram que, apesar de uma percepção geral de inclusão, ainda são frequentes os relatos de agressões verbais, violência psicológica e estigmatização, principalmente em ambientes ligados a padrões de gênero heteronormativos mais rígidos.

Conclusão

Os dados coletados sugerem que tanto nas lutas quanto na dança há uma diversidade de orientações sexuais. Ainda assim, há uma parcela significativa de relatos de situações de preconceito e discriminação que foram vivenciados ou presenciados. Além disso, são observadas variações na inclusão percebida nos ambientes de prática, sendo que a maioria dos respondentes os considera inclusivos ou neutros. As principais dificuldades enfrentadas pelos praticantes de lutas e dança, com diferentes orientações sexuais, não heteronormativas, são a violência psicológica, o preconceito e as agressões verbais, além dos desafios específicos existentes em ambos os contextos de prática.

Apesar dos avanços ao longo dos anos em direção à maior aceitação da diversidade sexual, as práticas corporais como a dança e as lutas ainda preservam essas atitudes e ideias ultrapassadas que apenas corroboram a permanência dos estigmas e do preconceito na sociedade. Isso mostra que, para que ocorra uma verdadeira mudança, é necessário um esforço contínuo na educação e conscientização dentro e fora dos ambientes dessas práticas corporais.

Como proposta fundamental para agir nesse panorama, torna-se essencial inserir discussões permanentes na formação de professores e profissionais que lidam com as práticas corporais, não somente a dança e as lutas. Como foco principal, os cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física, Dança e Pedagogia, já que essas práticas corporais não estão circunscritas apenas à Educação Física. Essas discussões podem acontecer em especial no rol de disciplinas obrigatórias, mas também por meio de optativas e grupos de pesquisa, além da formação continuada para docentes e profissionais egressos desses cursos.

Também vale destacar a importância desse tema nas escolas, nos clubes, nas equipes esportivas e nos grupos artísticos. Esses locais podem promover, por meio de formações e palestras, uma maior conscientização quanto a esses temas, construindo a compreensão de que as práticas corporais não definem o gênero e/ou a sexualidade das pessoas, ajudando a promover a redução de preconceitos e estigmas no que se refere às diversidades.

Referências

ANDERSON, E. Masculinities and Sexualities in Sport and Physical Cultures: three decades of evolving research. *Journal Of Homosexuality*, [S.L.], v. 58, n. 5, p. 565-578, 28 abr. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2011.563652>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00918369.2011.563652>. Acesso em: 12 set. 2024.

ANDREOLI, G. S. O Ensino da dança e as relações de gênero e sexualidade. *Relacult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 1-17, 26 set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v5i2.926>. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/926>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ANJOS, L. A. dos. “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. *Movimento*, v. 21, n. 1, p. 11-24, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/43189>. Acesso em: 17 ago. 2024.

ANJOS, L. A. dos. Representações sobre Homossexualidades e Esportes. *Licere - Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 1-36, 20 mar. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.35699/1981-3171.2014.625>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/625>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ASSIS, M. D. P. de; SARAIVA, M. do C. O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade. *Movimento*, v. 19, n. 2, p. 303-323, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.29077>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/29077>. Acesso em: 22 ago. 2024.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426>. Acesso em: 17 set. 2024.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003.

CARVALHO, H. P. de *et al.* Conflitos entre a orientação sexual e a orientação de gênero na identidade de atletas profissionais de voleibol: a percepção de atletas homossexuais. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 25, n. 2, p. 84-98, 2017. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i2.6565>. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/6565>. Acesso em: 22 set. 2024.

CHANNON, A.; MATTHEWS, C. R. "It is what it is": Masculinity, homosexuality, and inclusive discourse in mixed martial arts. *Journal of homosexuality*, v. 62, n. 7, p. 936-956, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/00918369.2015.1008280>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00918369.2015.1008280>. Acesso em: 17 out. 2024.

CHAVES, P. N. Estigmas do Corpo, Gênero e Sexualidade no Esporte: voleibol enquanto espaço da mulher e da 'Bicha'. In: *Congresso Brasileiro De Ciências Do Esporte*. 2015. p. 1-14. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/estigmas-do-corpo-genero-e-sexualidade-no-esporte-voleibol-enquanto-es-paco-da-mulher-e-da-bicha/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CHAVES, P. N.; DE ARAÚJO, A. C. Resistência queer: marcação do território gay no cenário heteronormativo do esporte. *Pensar a Prática*, v. 18, n. 1, p. 243-244, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v18i1.32733>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/32733>. Acesso em: 19 set. 2024.

COSTA, A. B. *et al.* Homophobia or sexism? A systematic review of prejudice against nonheterosexual orientation in Brazil. *International Journal of Psychology*, v. 48, n. 5, p. 900-909, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/00207594.2012.729839>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00207594.2012.729839>. Acesso em: 17 out. 2024.

CUNHA JUNIOR, C. F. da; MELO, V. A. de. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. *Movimento*, v. 3, n. 5, p. 18-24, 1996. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2229>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2229>. Acesso em: 18 nov. 2024.

DANÇARINO é alvo de agressão e homofobia enquanto trabalhava em bar de São Vicente. *A Tribuna*, 2024. Disponível em: <https://www.tribuna.com.br/noticias/policia/dancarino-e-alvo-de-agress-o-e-homofobia-enquanto-trabalhava-em-bar-de-s-o-vice-nto-video-1.410095>. Acesso em: 14 ago. 2024.

DENISON, E.; BEVAN, N.; JEANES, R. Reviewing evidence of LGBTQ+ discrimination and exclusion in sport. *Sport Management Review*, 24 (3), 389-409. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.smr.2020.09.003>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1016/j.smr.2020.09.003>. Acesso em: 17 nov. 2024.

DENISON, E. *et al.* The relationship between 'coming out' as lesbian, gay, or bisexual and experiences of homophobic behaviour in youth team sports. *Sexuality Research and Social Policy*, v. 18, p. 765-773, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00599-2>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13178-020-00499-x>. Acesso em: 27 jul. 2024.

DEVIDE, F. P. *Coeducação e Educação Física Escolar: reflexões introdutórias e sistematização de atividades*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

DOSSIÊ denuncia 230 mortes e violências de pessoas LGBT em 2023. *Observatório de Mortes e Violências LGBTI+*, 2024. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2023/>. Acesso em: 17 ago. 2024.

DOWLING, C. *O mito da fragilidade: Mulheres se aproximando da igualdade física*. Random House, 2000.

ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de formação RBCE*, v. 1, n. 2, p.71-83, 2010. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1963.

GONÇALVES, A. O. G. Sexualidade, masculinidades e dança: o preconceito e o (des)respeito ao bailarino numa incursão aos filmes Billy Elliot e Dzi Croquettes. In: FREITAS, Eliane Martins de; MARTINEZ, F.J.; MENDES, L. M. G. (org.). *Gênero, Sexualidade e Corpo*. Goiânia: Gráfica UFG; 2014. p. 1-189. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/502/o/Ge%CC%82nero__Sexualidade_e_Corpo_pdf.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

HARTMANN-TEWS, I.; MENZEL, T.; BRAUMÜLLER, B. Experiences of LGBTQ+ individuals in sports in Germany. *German journal of exercise and sport research*, v. 52, n. 1, p. 39-49, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12662-021-00756-0>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12662-021-00756-0>. Acesso em: 27 jul. 2024.

LIMA, E. de S.; PESSOA, K. L. E. de C.; PEREIRA, A. S. M. Dentro e fora da norma: corpos que subvertem a norma hegemônica de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física. *Motrivivência* (Florianópolis), v. 34, n. 65, p. 1-18, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e85841>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1378836>. Acesso em: 20 ago. 2024.

LIMA, G. A.; BRITO, L. T.; MILLEN NETO, A. R. Reflexões sobre as construções de masculinidades no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate. *Sport and Society: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 40, p. 1-29, 30 dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/63419>. Acesso em: 21 ago. 2024.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. et al. (Orgs.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2° ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

MAIA, A. C. B. *Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa Elaboração, aplicação e análise de conteúdo*. São Paulo: Pedro e João, 2020.

MARIANTE, F. P.; WENETZ, I. Mulheres no boxe: negociações de masculinidade (s) e feminilidade (s) na academia. *Movimento*, v. 28, p. 1-18, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.111694>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/CpNZB8CKQGt6s7h5RNwTffK/?lang=pt>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MELO, G. F. et al. Estereótipos de gênero aplicados a homens atletas praticantes de esportes culturalmente femininos: a percepção de leigos, profissionais da Educação Física e atletas profissionais. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 23, n. 3, p. 30-37, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18511/rbcm.v23i3.5408>. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5408>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MONTEIRO, S.; VILLELA, W. *Estigma e saúde*. Editora Fiocruz, 2013.

NATARELLI, T. R. P. et al. O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery*, v. 19, n. 4, p. 664-670, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150089>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/r6XgDz4MBBZtTGjYDrK64bP/?lang=pt>. Acesso em: 30 nov. 2024.

NIX DIVERSIDADE E ECONOMIA SOCIAL (Brasil) (org.). *Levantamento LGBTQIA+ no esporte: Experiências, percepções e hábitos de atividade física e esportiva*. São Paulo: [S.l.], 2022. 46 p. Disponível em: www.nixdiversidade.org. Acesso em: 10 ago. 2024.

PERES, C. R.; PRADO, V. M. do. Ela calça chuteira e ele dança ballet: Os olhares críticos do esporte sobre a dança das identidades. *Revista Pensar a Prática ISSN*, v. 1980, p. 6183, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v26.74642>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/74642>. Acesso em: 18 set. 2024.

RODRIGUEZ-SANCHEZ, A. R. *et al.* The limits of the boxing ring: respect for sexual diversity in combat vs. non-combat sports in Spain. *Journal Of Martial Arts Anthropology*, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 84-97, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.14589/ido.23.3.9>. Disponível em: <https://imcjournal.com/index.php/en/volume-xxiii-2023/contents-number-31/1939-the-limits-of-the-boxing-ring-respect-for-sexual-diversity-in-combat-vs-non-combat-sports-in-spain>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SILVA, J. C. A. da; CAMINHA, I. de O.; FERNANDES, B. C. de F. Preconceitos no esporte escolar: um contexto de discursos heteronormativos e homossexualidade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 35, n. 2, p. 305-320, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v35i2p305-320>. Disponível em: https://revistas.usp.br/rbefe/pt_BR/article/view/189680. Acesso em: 27 set. 2024.

SILVA, P. S. da. *Menino não dança e menina não luta: reflexões sobre a participação nas atividades de educação física escolar*. Curitiba: Appris, 2020.

SILVEIRA, V. T.; QUITZAU, E. A. Gênero e Sexualidade: Perspectivas para a história do esporte. *Rebeh-Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 2, n. 02, p. 79-95, 2019. DOI: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2019.6.9953>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9953>. Acesso em: 16 out. 2024.

SOUSA, J. R. de; SANTOS, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e debate em Educação*, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso em: 20 ago. 2024.

TEIXEIRA, A. C. E. M. Os usos do corpo entre lutadores de jiu-jítsu. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes/article/view/4620>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ZEQUINÃO, M. A. *et al.* Inter-relação entre diferentes estilos de dança e a sexualidade humana. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 6, n. 1, p.058-069, 2016. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbpe.v6i1.6731>. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbpe/article/view/6731>. Acesso em: 20 ago. 2024.

2024 US National Survey on the Mental Health of LGBTQ+ Young People. *The Trevor Project*, 2024. Disponível em: <https://www.thetrevorproject.org/survey-2024/#intro>. Acesso em: 17 ago. 2024.

Recebido em: 17/11/2025

Aprovado em: 07/02/2026